

O veneno está na mesa 2

Poisoned food 2

La comida envenenada 2

Ficha técnica:

Diretor: Silvio Tendler

Produção: Maycon Almeida

Produtora: Caliban Cinema e Conteúdo

Roteiro: Silvio Tendler

Fotografia: Xeno Veloso

Ano: 2014

País: Brasil

Gênero: documentário

Cor: colorido

Duração: 71 minutos

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fyvoKljtvG4>

Acesso em: 26 de setembro de 2014

Luiz Cláudio Meirellesⁱ

Palavras-chave: Agrotóxicos; Agroecologia; Contaminação de alimentos; Trabalhador; Alimento.

Keywords: Pesticides; Sustainable Agriculture; Food Contamination, Worker; Food.

Palabras clave: Plaguicidas; Agricultura Sostenible; Contaminación de Alimentos; Trabajador; Alimentos.

Submetido: 21/ago/2014

Aceito: 22/ago/2014

ⁱ Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Rio de Janeiro, Brasil. | lattes.cnpq.br/7914105884587012 | meirelles@ensp.fiocruz.br

O veneno está na mesa 2 nos traz uma mensagem clara e precisa, através de depoimentos e das experiências no campo da agroecologia, de que existem caminhos para termos uma produção justa socialmente, equilibrada com a natureza e com diversidade de vida, capaz de alimentar os povos de forma suficiente e segura. Porém, segue necessariamente nos lembrando que o modelo produtivo imediatista do agronegócio e seus agrotóxicos enriquece a poucos e empobrece a tudo e a todos, por meio da exploração dos trabalhadores, da exclusão dos povos de seus territórios e saberes, da concentração insaciável de terras e riquezas, da redução da diversidade, e do envenenamento das populações e da destruição da natureza.



Figura 1 – Imagem do filme *O veneno está na mesa 2*

O filme é muito rico em temas e abordagens sobre toda a problemática da agricultura, do agronegócio e da agroecologia e suas relações com as pessoas, o trabalho, a saúde e o meio ambiente. Assim são destacados aspectos, muito relevantes, que resumem o documentário:

No cenário político nacional, a maioria dos parlamentares conhece o problema; entretanto, a bancada ruralista segue mais preocupada com os negócios do que com a saúde pública. Apenas 40 mil proprietários controlam 40% das terras e elegem 120 deputados federais, enquanto a agricultura familiar com 12 milhões de pessoas elege de 10 a 12 deputados federais. Quanto à produção, simplesmente 30% dos alimentos são oriundos da monocultura com seus transgênicos e agrotóxicos. São os camponeses que controlam apenas 20% da terra e produzem 50% dos alimentos fornecidos à população. Na distribuição de créditos, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) recebe dez vezes mais recursos do que o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para pequena agricultura e agricultura familiar. Tanta disparidade gera conflitos, desapropriações, violência e assassinatos. Vandana Shiva afirmou: “A democracia está ameaçada pela ditadura das empresas detentoras das sementes, dos fertilizantes e dos agrotóxicos, pois elas determinam as leis da agricultura e as decisões dos governos.”

A mensuração de riqueza, através do PIB 2013, desconsidera doenças e danos ambientais entre as suas variáveis, mascarando a realidade com estatísticas mentirosas, onde os custos gerados pela atividade degradante e poluidora nunca são dimensionados, explicitados e enfrentados. Pesam para este tipo de

cenário valores de venda de R\$ 15 bilhões, em 2012, e uma lógica de concentração de mercado onde seis empresas dominam 68% do mercado com enorme capacidade de influenciar as estruturas de poder constituídas nos estados nacionais.

As contradições do desenvolvimento científico, em que a ciência que se faz hegemônica, ao ser mantida pelo grande capital, despreza o conhecimento oriundo da observação da natureza e da sabedoria dos povos, dando-lhes rótulo de magia, trevas, superstição e atraso, sustentando uma tecnocracia que domina as instituições e suas decisões e agrava problemas da saúde pública e do meio ambiente.

O elevado aspecto predatório do modelo de produção do agronegócio, que ameaça os remanescentes de florestas e destrói a Amazônia, usa queimadas para colheita, como a dos canaviais, e de florestas para abertura de pastos, tem por consequência o empobrecimento do solo, a extinção de várias espécies, a destruição das nascentes, dos rios, lagos e de águas subterrâneas, a desertificação e salinização dos solos, entre outros males. Como afirmou Vandana Shiva, “o modelo do agronegócio não produz alimentos ou trabalha com a natureza, trabalha contra a natureza e a vida”.



Figura 2 – Imagem do filme *O veneno está na mesa 2*

Sobre a saúde, o que se vê é um genocídio consentido pelo uso e exposição a agrotóxicos que causam depressão e suicídio, câncer, abortos, deformidades ao nascer e danos reprodutivos. Doenças que crescem em quantidade de casos e atingem a população mais precocemente, fazendo inclusive a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecer, como cancerígenos, agrotóxicos ainda amplamente utilizados como ofosmete, tricolorfon, carbofurano, parationa metílica, abamectina, cihexatina, acefato. O Instituto Nacional do Câncer (INCA) afirma que o câncer tem forte associação com os agrotóxicos e que os interesses econômicos se sobrepõem muitas vezes às necessidades da saúde pública; e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) também reconhece a associação entre os venenos e as doenças agudas e crônicas que surgem na população.

Sobre a exploração e a saúde dos trabalhadores, observam-se um descaso absoluto pelos depoimentos sobre câncer, suicídio, alterações na saúde, inexistência de notificação das intoxicações, perseguição a médicos que relacionam os fatos aos venenos, demissão dos trabalhadores que reclamam por melhores

condições de trabalho e ausência generalizada de fiscalização nos ambientes de trabalho. Na cultura do tabaco, os venenos e as doenças atormentam os(as) trabalhadores(as), assim como o processo de exploração do trabalho conhecido como servidão e que é imposto pelas fumageiras, que endivida e desespera trabalhadores e impede as tradicionais formas de organização e produção camponesa. Por fim, cabe citar a seguinte fala: “O veneno contamina, destrói e mata. A praga é o veneno.”

Agrotóxicos também têm afetado crianças, como o relato de morte de um menino no Paraguai e o recorrente problema com as pulverizações aéreas que, além de impedir que existam no seu entorno produção livre de agrotóxicos, pulverizam áreas onde se encontram casas, escolas e áreas protegidas. O caso da escola rural em São Jose do Pontal, Rio Verde em Goiás, pulverizada por um avião com o agrotóxico engeo pleno, da empresa Syngenta, foi emblemático e resultou em intoxicações de alunos, professores e funcionários. É importante lembrar que somente 1% do veneno aplicado atinge o alvo, e 99% contamina tudo o que estiver ao alcance dele: pessoas, ar, água, solo, animais domésticos e animais silvestres.

A agroecologia, a agricultura familiar e a agricultura camponesa são as formas de resistência para o enfrentamento do modelo hegemônico do agronegócio. Mais que a crítica, é apresentado o novo na busca de uma vida de bem-estar e equilíbrio com a natureza. Experiências, como a do produtor orgânico Marcos Palmeira e a dos produtores de Paracambi, demonstram as vantagens de se produzir de forma orgânica e agroecológica. Cultivam em suas propriedades inúmeras culturas, empregam a homeopatia e a fitoterapia para tratamento de plantas, animais e pessoas. Como disse a professora Raquel Rigotto, “a produção agroecológica, além de não ter agrotóxicos, não porta Injustiça social, a expropriação de terras, a exploração do trabalho infantil, a violência contra os trabalhadores, a violência contra mulher e as contaminações das pessoas, dos alimentos, da água, do solo e do ar”. O legado deste modelo de produção é o bem-estar, o respeito à sua vida e à vida dos outros assim como a garantia de existência para as futuras gerações.

A produção agroecológica é desenvolvida através de técnicas e procedimentos que visam à sua sustentação, credibilidade e visibilidade, e a certificação do produtor é um passo importante neste processo. Desta forma, o acesso a tecnologias de fertilização das plantas, a técnicas e ao manejo de pragas e produtos de baixa toxicidade para o controle, o distanciamento de áreas vizinhas e dos mananciais contaminados são fundamentais para garantia de produção e certificação agroecológica. O custo de produção também precisa ser compatível com o funcionamento da atividade.

Entre os sistemas agroecológicos de produção, ganha destaque a agrofloresta, onde os produtores afirmam tratar-se de um sistema de agricultura que considera a terra um ser vivo. Um produtor relata que, em 15 anos, recuperou totalmente uma área que reflorestou e, hoje, cultiva dentro da floresta, que é um processo demorado que exige respeito às leis da natureza, de forma mais radical que aquela praticada na agricultura orgânica, exigindo paciência e perseverança dos que a adotam. O retorno é fabuloso, tanto pela qualidade dos alimentos, como pela conservação dos solos e da água.

As cooperativas agroecológicas são essenciais para potencializar a produção e a distribuição dos produtos orgânicos e agroecológicos, pois organizam os produtores, permitem acesso a sementes e insumos, viabilizam acesso direto aos mercados. A produção, beneficiamento e comercialização do arroz em cooperativa do sul do país garante sustento para centenas de famílias que trabalham em sistema agroecológico integrado a outras atividades produtivas.

Para garantir a qualidade de vida das gerações futuras, a preocupação com a alimentação saudável e o seu entendimento precisa ser trabalhado desde a infância. Assim, o cultivo de hortas no ambiente escolar, o uso eficiente da água, o conhecimento sobre as sementes, as plantas alimentares e os animais domésticos são essenciais para aproximar as crianças da agroecologia. A aquisição de alimentos produzidos em sistemas agroecológicos, oriundos de assentamentos e/ou agricultura familiar, fortalece a prática produtiva e promove legítima segurança alimentar para crianças em idade escolar.

As feiras agroecológicas garantem a aproximação dos produtores aos mercados locais e a seus consumidores, eliminando a figura do atravessador e do comerciante, permitindo a construção de uma relação que não é apenas a de vender produtos e sim a de trocar experiências, conhecimentos e expectativas entre consumidores, sobre seus produtos (os alimentos), a produção, o trabalho e a importância para saúde. Além disso, as organizações dos produtores e os canais de comercialização direta podem compatibilizar os preços e contribuir para eliminar o mito generalizado dos custos elevados dos produtos de origem orgânica e agroecológica. No plano internacional, a própria Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) tem apontado para importância de aproximar a produção do consumo, bem como para a necessidade de promover mudanças no modelo de produção convencional pelos custos e impactos que gera.

A semente e a terra são a independência e a liberdade dos povos pobres. As sementes crioulas, com a sua diversidade, variabilidade, história de resistência representam a força do modelo agroecológico de produção associado aos saberes seculares dos povos no manejo da terra. A Bionatur é uma empresa que luta para garantir sementes crioulas de baixo custo para pequenos produtores. Na outra ponta, a apropriação das sementes pelas grandes empresas e sua conseqüente uniformização genética para uso em monocultivos, agora, geneticamente modificados e casado com agrotóxicos, elimina a diversidade e tem criado novas ameaças à segurança alimentar.

A apicultura é estratégica nos modelos de produção orgânica e agroflorestal. Abelhas trabalham de graça garantindo a produção agrícola pela polinização e, ainda, renda aos agricultores pela produção de mel e derivados. Comunidades em transição agroecológica têm na apicultura seu sustento, que se mostra compatível com o clima semiárido, no qual a escassez de água condiciona a produção agrícola. Uma séria dificuldade é a diminuição da população das abelhas no mundo, pois a indústria de agrotóxicos vende produtos fatais para insetos. Na Europa, há imensa preocupação com o impacto na produção de frutas e alimentos resultante da restrição e proibição de alguns agrotóxicos no bloco.

Sobre o Rio São Francisco, populações acreditaram na possibilidade da sua revitalização com a implantação da transposição. Mesmo antes de concluída a obra, inúmeras violações dos direitos humanos já são verificadas, tais como: a exclusão do acesso das pessoas à água e à energia elétrica, o assoreamento do rio, sua contaminação pelo uso de rações de peixe, e a agricultura irrigada, que constitui o ponto alto da contaminação dos recursos hídricos da região. Na Chapada do Apodi, a desapropriação em favor do agronegócio, com apoio do governo federal, desapropriou 4.000 hectares, o que resultou na expulsão de cerca de mil famílias que produziam alimentos de forma significativa, em bases agroecológicas. Uma produtora disse: “Perder terra é perder a autonomia sobre os corpos e sobre a vida.”

Por fim, o documentário é preciso ao confrontar os modelos, e deixa claro que a agroecologia coloca-se, como única saída para os dilemas de justiça social, preservação ambiental e segurança alimentar.